



NO CORAÇÃO DA MOURARIA

RÉAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE E DE SÃO SEBASTIÃO

500 anos de história



Diretor: O Provedor Tenente-General. Joaquim Formeiro Monteiro | 1º Semestre | N.9 | 2020

Editorial

Caros Irmãos,

sob a ameaça da pandemia COVID 19, e com a radical alteração do nosso quotidiano que a mesma projectou sobre nós, muito hesitámos em trazer à estampa mais um número do boletim da nossa Irmandade, pelas dificuldades editoriais e logísticas que a sua publicação implicava.

No entanto, apesar dos constrangimentos previstos, decidiu-se pela sua elaboração e consequente distribuição nos moldes habituais, pretendendo-se, deste modo, face ao confinamento social e sanitário impostos, dar um sinal de vida da nossa Irmandade a todos os Irmãos e a todos aqueles que, habitualmente, nos seguem, dando notícia das actividades que perseguimos em honra da nossa Padroeira, e em prol daqueles que, solidariamente, apoiamos.

Quisemos, assim, reafirmar o culto da Irmandade a Nossa Senhora da Saúde, que, desde há cinco séculos, tão fundo cala na população da cidade de Lisboa, particularmente nas gentes dos Bairros, onde o Seu Templo se ergue.

Será oportuno lembrar que terá sido a deflagração de um grande surto epidémico a assolar a cidade de Lisboa, no início do século XVI, tal como hoje, que levou os Militares artilheiros, aquartelados, na época, no castelo de São Jorge, a invocar o auxílio de São Sebastião, para que a intervenção do Santo pudesse livrar os habitantes da cidade da doença e do caos decorrente da epidemia, o que, efectivamente, ocorreu, algum tempo depois.

Como agradecimento pela graça concedida, terão posteriormente mandado edificar a actual Capela no bairro da Mouraria, lugar onde tem permanecido até aos dias de hoje, e onde se tem mantido o culto a Nossa senhora da Saúde, por parte da população de Lisboa, recordando como a intervenção divina terá salvado a cidade do flagelo da peste e da fome.

Hoje, como naquela época, mantém-se vivo o testemunho da gratidão e da fé na Senhora da Saúde, para que, uma vez mais, possa verter a sua bênção sobre a cidade, em especial, sobre os habitantes dos seus bairros mais antigos, onde a sua Capela está inserida, as quais logram ser, também, das mais envelhecidas e frágeis, sob o ponto de vista económico e social.

Entretanto, as festividades em honra da nossa Padroeira, que a Irmandade preparava com o habitual denodo desde o início do ano, acabaram por ser, infelizmente suspensas, por razões de segurança sanitária, amplamente conhecidas, levando à respectiva anulação, e em particular à suspensão da tradicional e muito concorrida Procissão em louvor da Senhora.

De acrescer que, este ano, se comemorava o 450º aniversário desta manifestação de fé e de grande fervor religioso por parte da população de Lisboa, tendo a Mesa da Irmandade planeado, para o efeito, um programa especial para assinalar aquela data, muito lamentando, entretanto, a sua não real-

ização e a decorrente impossibilidade da habitual veneração popular a Nossa Senhora da Saúde.

No âmbito do referido programa, constava a realização de um concerto de música sacra com o órgão residente na nossa Capela, o qual se constitui como uma peça única do património da Irmandade, quer pelo valor da sua antiguidade, quer pela sua notável qualidade acústica.

De destacar, que fazendo o órgão parte de um conjunto muito restrito de instrumentos musicais daquela natureza existentes em todo o País, a iniciativa programada permitiria, certamente, dar a conhecer à nossa comunidade aquele valioso património, cuja última audição pública data, já, de algumas décadas, e que com grande expectativa todos esperávamos, novamente, ouvir.

Crentes que no próximo ano, já livres da epidemia que, actualmente, nos preocupa e aflige, esta e outras iniciativas possam vir a enriquecer o programa das festividades em homenagem à nossa Padroeira, o qual a Irmandade irá, certamente, preparar e desenvolver com o labor, a dedicação e o entusiasmo que sempre têm animado a sua Mesa administrativa.

Assim, Nossa Senhora da Saúde a todos proteja e guarde.

O Provedor
Joaquim Formeiro Monteiro
Tenente General

Covid 19 e a Crise: o tempo kairòs¹

A pandemia associada à doença infecciosa COVID-19 (Coronavirus Disease 2019), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), constituiu-se como uma disrupção complexa e colocou o mundo perante uma crise multidimensional extrema. Como crise maior que é fechou a janela das medidas estruturais e genéticas e colocou o foco na gestão da crise, nos seus atores e instrumentos de resposta imediata. Estamos perante uma crise que apela ao equilíbrio interno e externo do Estado de direito democrático (Art. 2º. da Constituição da República Portuguesa) e da sociedade, testando em permanência o controlo político e a sua capacidade de garantir a realização das tarefas fundamentais do Estado (Art. 9º. da Constituição da República Portuguesa) e das funções vitais da sociedade. O tempo é o fator crítico para o processo de decisão e para a reposição da situação de normalidade no bem-estar e segurança do Estado e da sociedade. Os três fatores em presença – tensão, medo e urgência – cruzam-se num ambiente de grande imprevisibilidade e com probabilidade de ocorrência de conflitos. Esta crise obrigou a generalidade dos Estados democráticos mais afetados ou com forte risco de pandemia (probabilidade de ocorrência e impacto da ameaça) a passar de uma situação de normalidade constitucional para um estado de emergência, ou seja, para uma situação de excecionalidade constitucional. Caso de Portugal.

O contrato de sociedade entre os cidadãos, que compõem a população organizada politicamente, habitando um território, e o Estado de direito democrático que ao definir regras e normativos fundamentais à sua vida política, cultural, social e económica, visa o bem-estar das

populações através da prossecução das funções vitais e do desenvolvimento baseado no progresso material e moral, num quadro de valores tangíveis e intangíveis.

A crise complexa é num primeiro plano um processo político, assente num ambiente político-estratégico e em fins e, num segundo plano, um processo estratégico e setorial, de caminhos e de meios, tangíveis e intangíveis. Deve ser gerida como um processo abrangente e integrado, holístico, envolvendo os poderes do Estado – “aparelhos da soberania” – e a sociedade, desde o cidadão às diferentes representações do coletivo. As estratégias nacionais só o são se forem inclusivas o que exige a compreensão e o envolvimento da sociedade civil. A palavra chave é confiança. Os riscos, as ameaças e os desafios políticos, sociais, económicos, sanitários e ambientais colocados pelo atual ambiente internacional e a importância da governação democrática através do Estado de direito democrático, remetem para uma aproximação holística que combina instrumentos, nacionais e internacionais, políticos, diplomáticos, económicos, de segurança e defesa, psicológicos, sanitários e humanitários, civis e militares, explorando a cooperação e a coordenação multilateral de esforços que envolvem Estados, Organizações Internacionais, governamentais e não governamentais, autoridades regionais e locais, entidades públicas e privadas.

O planeamento estratégico e os seus instrumentos terão que ser aplicados num processo de base sistémica muito ágil, abrangente e holístico nos atores e nas capacidades, tomando como referência a atual construção política, económica e social do Estado de direito

democrático, da sociedade, do património e da cultura, no quadro constitucional e legislativo nacional. A crise pandémica COVID 19 é um teste limite à resiliência do Estado e da sociedade e uma boa gestão da crise torna-nos mais resilientes e preparados para as recorrências e para o longo prazo.

Já fizemos referência ao tempo como fator crítico na crise e na gestão da crise. No entanto o contexto e a circunstância renovam a importância da reflexão politológica e dos debates centrados na análise histórica, filosófica, sociológica, cultural e patrimonial, religiosa, sobre o tempo mundial.

Escrevia há dias o cardeal José Tolentino de Mendonça a propósito da crise pandémica que afeta a humanidade que “os inconformados gregos, a par do *chrónos*, tinham uma outra conceção de tempo para a qual reservavam o termo. No *chrónos* predomina uma visão quantitativa do tempo, uma espécie de contabilização vertiginosa, uma inalterável linha contínua que nos aprisiona na sua teia. E uma coisa sabemos: não é essa experiência de tempo que dará uma alma ao mundo. Porém, o tempo pode também experimentar-se como uma realidade qualitativa, isto é, pode ser finalmente definido como “o tempo de”, “o tempo para”. O que se sublinha não é tanto a duração, mas o momento propício, o ponto determinante, a hora do acolhimento da graça capaz de alterar os referentes do mundo. Se assim acontecer, o *chrónos* foi transformado em *kairòs*”¹.

Num outro texto de 2006 exemplificava o mesmo autor: - “o *kairòs* exprime uma qualidade (*poiotèta*) do tempo, como quando dizemos «quando decorria a guerra»; o *chrónos*, por sua parte, designa uma quantidade (*posotèta*), como quando se diz «dez anos antes» ou

¹ Baseado num texto original publicado no idn brief COVID-19 E GESTÃO DE CRISES: UM NOVO PARADIGMA? https://www.idn.gov.pt/publicacoes/newsletter/idnbrief_13maio2020.pdf

«dez anos depois». O significado fundamental de *kairòs* é assim o de uma expressão decisiva do tempo, o seu ponto miliar, essencial. Um significado, portanto, que foge ao horizonte estritamente cronológico e que em autores antigos tão diversos como Sófocles ou Aristóteles, ou já na tradução grega da Bíblia Hebraica, a chamada Septuaginta, ganha, não raro, um sentido religioso, a ponto de coincidir com a revelação do próprio Deus².

José Tolentino de Mendonça lembra-nos também que o olhar contemporâneo do termo “quarentena” nos remete, salvo casos muito individualizados, para mundos recuados, superados pela modernidade. “A ideia de metrópoles inteiras ou de países em quarentena constitui uma absoluta estranheza”. Conclui o cardeal com grande sabedoria que somos convocados como sociedades, numa experiência pedagógica e de enorme esforço, a

transmutar o *chrónos* em *kairòs*; ou seja, o tempo oportuno para a resolução de uma crise (*krisis*) de longo prazo.

Coronel Coutinho Rodrigues
Vice Presidente CE
da Fundação Lar

No Dia de Portugal 2020

D. Tolentino de Mendonça pede atenção aos idosos.

“A vida é um valor sem variações”, defendeu o cardeal Tolentino Mendonça no seu discurso como presidente das comemorações do Dia de Portugal, num discurso em que pediu mais atenção aos idosos, que considera as grandes vítimas da pandemia de Covid-19, e aos jovens adultos que enfrentam a segunda crise económica das suas vidas. Do seu discurso destacamos o seguinte parágrafo: A tempestade

provocada pelo Covid19 obriga-nos como comunidade, a refletir sobre a situação dos idosos em Portugal e nesta Europa da qual somos parte. Por um lado, eles têm sido as principais vítimas da pandemia, e precisamos chorar essas perdas, dando a essas lágrimas uma dignidade e um tempo que porventura ainda não nos concedemos, pois o luto de uma geração não é uma questão privada. Por outro, temos

de rejeitar firmemente a tese de que uma esperança de vida mais breve determine uma diminuição do seu valor. A vida é um valor sem variações. Uma raiz de futuro em Portugal será, pelo contrário, aprofundar a contribuição dos seus idosos, ajudá-los a viver e a assumir-se como mediadores de vida para as novas gerações.



² Mendonça, José Tolentino [2020], “Redescobrir o poder da esperança”, *Jornal Expresso*, 21 de março

³ Mendonça, José Tolentino, “A qualificação messiânica do tempo”, *Cultura* [Online], Vol. 23 | 2006, posto online no dia 11 abril 2014, consultado a 22 maio 2020.

URL: <https://journals.openedition.org/cultura/1269> ; DOI : 10.4000/cultura.1482

Atividades da Fundação Lar

A Fundação Lar de Cegos está presente neste Boletim e aqui continua a partilhar algumas das suas atividades, bem como artigos de interesse do público em geral.

Neste novo ano, a missão na área da animação volta a ir de encontro à missão da Fundação, ou seja, proporcionar uma melhor qualidade de vida, estimulando a autonomia de cada um. No fundo, desejamos manter as atividades de caráter mais clássico e que, em nossa opinião, continua a ser um recurso fantástico, ainda que, com investimento em opções diferentes.

O início de cada ano é uma verdadeira oportunidade para refletir e para projetar o futuro. No entanto, estávamos longe de imaginar que não adiantava fazer planos para a vida, quando a vida já tinha planos para nós.

Tentando sempre manter ao máximo as rotinas diárias dos utentes da Fundação, promoveu-se uma excelente tarde de convívio e música ao vivo no dia 6 de janeiro. Celebrou-se nesta data o Dia de Reis, data que encerra as festividades natalícias. Foi o som de um momento musical interpretado pelo ensemble da Banda Sinfónica do Exército, que precedeu o lanche com o tradicional bolo rei.



A Fundação acolheu uma voluntária da AIESEC. Fundada em 1948 por um conjunto de estudantes de 7 países da Europa, a AIESEC é atualmente o maior movimento de liderança jovem do mundo entre os 18 e 30 anos, que proporciona experiências internacionais de voluntariado e estágios remunerados ou não, e que está presente em mais de 120 países e territórios.



Nesta experiência de um mês na Fundação, esteve a Wang Xiaoyan. Uma estudante universitária de origem chinesa, mas a estudar em Barcelona.

Foi uma prova linguística e cultural ultrapassada, porque a Xiao teve disponibilidade para se entregar a uma população de uma faixa etária com a qual nunca se tinha relacio-

nado mais do que a nível familiar. Em fevereiro foi realizada a Festa de Carnaval da Fundação, promovendo o convívio, o entretenimento e a ocupação do tempo livre. A participação nestas atividades mesmo que de forma passiva, trás benefícios para o bem-estar e qualidade de vida dos utentes.



Em março vivenciámos uma situação de exceção. Momentos de incerteza, onde todos nós fomos colocados à prova, diariamente.

Numa tentativa de preservar a saúde daqueles que vivem na Fundação, fomos forçados a alterar o nosso dia-a-dia. Foram tomadas todas as medidas de segurança e isolamento, mas não se descuraram os cuidados nem as atividades de vida diária.

Entretanto, pelo mundo surgiram arco-íris de esperança. Janelas e sacadas enfeitadas por desenhos de arco-íris acompanhados pela frase "vai ficar tudo bem"... O movimento que terá tido início no sul de Itália e que também pegou moda em Portugal, não nos passou ao lado e, entrámos também neste movimento de esperança.



Enquanto passávamos por dias mais cinzentos, fechados entre as quatro paredes, pensámos em como tornar estes dias mais coloridos para os utentes. Pôs-se a questão se era ou não importante continuar o exercício mental. Claro que sim!

Ao longo da vida cuidamos do nosso corpo, despendemos tempo no cabeleireiro ou vamos ao ginásio com a intenção de sermos mais saudáveis. A preocupação com o bem-estar e a saúde é o mais importante, porque um corpo saudável leva a uma vida mais tranquila. Mas, quando nos vimos fechados nas nossas casas, a nossa preocupação passou por arranjar um motivo para ir para a rua. Ora, mas porque não aproveitar para arrumar ou organizar a casa? Ou mesmo organizar o nosso espírito?

Porque a par com o exercício físico despendido no arrumar, está o exercício mental para mantermos as nossas ligações cerebrais.

Deste modo, criámos meios para atingir a finalidade de manter os utentes ocupados nos seus quartos. Foram entregues mini-cadernos de atividades cognitivas e até mesmo exercícios físicos possíveis de ser realizados nos seus espaços.



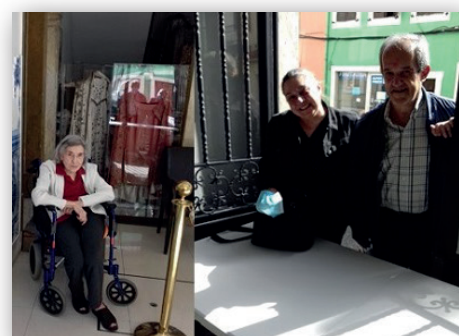
Outra situação que se tornou necessária resolver foi a criação da Mercearia da Fundação. A necessidade dos utentes terem disponíveis bens de mercearia manteve-se e, com o apoio da empresa de restauração que presta serviço na Fundação, conseguiu-se este feito. Desde abril, está a funcionar no bar a mercearia, com alguns artigos alimentícios e de higiene pessoal.



As celebrações da semana santa não se realizaram devido ao cancelamento das celebrações comunitárias. No entanto, a Páscoa foi lembrada também através da entrega dos tradicionais ovos de chocolate.



O domingo mais especial do mês de maio foi assinalado na Fundação de um modo particularmente diferente do habitual. Tratou-se do Dia da Mãe e foi necessário criar alguma atividade para lembrar a data. Deste modo, foram tomadas as devidas medidas dentro da instituição e contactados os filhos para uma breve visita às suas mães. Atendendo a todas as medidas de restrições vividas neste fim de semana, decidiu-se criar um meio para atingir o objetivo de levar os filhos até às mães. Através de chamada telefónica, chamada pelo whatsapp e presencialmente, embora sem contacto físico, foi possível aliviar o isolamento social que se vive desde meados de março. Tendo em conta todas as emoções vividas neste dia, consideramos ter conseguido surpreender ambas as partes. Uma coisa é certa, ajudou um pouco a aliviar a Saudade!



Legalização das Alterações e Ampliações do Edifício da Fundação Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde

A Fundação Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde tem a sua origem no Asilo de Cegos fundado em 1896 (criado oficialmente por alvará de 28 de julho de 1897 do Governo Civil do Distrito de Lisboa) e ocupa um edifício de construção oitocentista que havia sido propriedade e uma das moradas da sua instituidora e benemérita, a D. Balbina dos Reis Pinto (1820-1890). O Asilo, exclusivamente dedicado aos cegos, funcionou até à década de 80 do século XX, quando foi aberto à população idosa, dando lugar, em 1985, à Associação Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde.

Em 1987, graças ao contributo do benemérito, Comendador Manuel Nunes Correa e sua esposa Maria Eva, foi edificado nos jardins da casa um pavilhão com dois pisos, que aumentou substancialmente a capacidade do Lar. Em 1989, a Associação adquiriu o estatuto de Fundação, tendo sido, no mesmo ano, outorgada a sua utilidade pública. Graças às verbas atribuídas pelo Ministério do Emprego e Segurança Social e pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em 1991 foi possível construir mais um andar no pavilhão com o consequente aumento da capacidade Lar. Seguiu-se, a construção do 2.º piso do edifício original, do século XIX, concluída em 1992, permitindo alcançar uma capacidade de resposta ampliada, hoje de 105 utentes para o Lar e 30, para o Centro de Dia.

EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE LICENCIAMENTO

A Câmara Municipal de Lisboa deferiu em 1987 o pedido de licenciamento para a construção do designado "Pavilhão", na sua construção original com dois pisos, o único licenciamento conhecido até à presente data. O processo de licenciamento é retomado em 2004 com o

levantamento Digitalizado do edifício para a legalização camarária das restantes alterações e ampliações nas construções da sede que, sendo de alguma complexidade e tendo experimentado diversos contratempos em anos seguintes, se prolongou até ao presente.

Continuadas diligências em 2018 e 2019, permitiram agora reunir as condições para que os Projetos de Licenciamento e de Segurança, já concluídos, possam ser entregues, até ao final de maio de 2020, respetivamente na Câmara Municipal de Lisboa e na Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, prevenindo-se que a sua aprovação possa ocorrer até ao final de 2020. A Capacidade de resposta dos equipamentos, em projeto, passará a ser de 98 utentes em Lar, mantendo-se em 30 no Centro de Dia.

O novo projeto prevê as seguintes imposições para a fachada principal: Mansarda no último piso (inclinada 75º a 85º) atrás de cornija ou platibanda; havendo platibanda, as janelas serão de sacada; Janelas do RC, 1.º e 2.º andar com bandeira; Caixilharia de abrir e não de correr com arestas boleadas, em branco ou branco e verde lacados; Portão da garagem elevado para alinhar pela verga (altura das janelas do RC); Telhado de duas águas com trapeiras no edifício principal, cobertura das trapeiras em meia-cana e coberturas em telha marselha;

O NOVO PROJETO DE LICENCIAMENTO



OBRAS PROJETADAS E EM CURSO

Por urgentes e inadiáveis, assumindo carácter de exceção, as obras da cozinha e da cobertura do Pavilhão, constantes do projeto de licenciamento, foram antecipadas. As obras para a requalificação e modernização da cozinha iniciaram-se em janeiro de 2020 e ficarão concluídas até ao final de junho de 2020. A substituição da cobertura do Pavilhão será efetuada no decurso de segundo semestre de 2020.

INTERVENÇÃO NA COZINHA E REFEITÓRIO



Coronel
José Duarte Velosa Trindade
Presidente do Conselho Executivo

COVID-19 e seus reflexos nos Lares

A pandemia COVID-19 exige o cumprimento rigoroso de medidas de isolamento para conter a propagação do vírus, que afetam particularmente um dos grupos populacionais mais vulneráveis – os cidadãos seniores – implicando mudanças de rotinas e práticas nas Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI).

Neste artigo vamos apresentar medidas que visam potenciar o bem-estar dos mais velhos, nesta situação tão delicada, começando por definir dois conceitos que por vezes se confundem: “Solidão” e “Isolamento”. Os idosos encontram-se isolados, como medida de prevenção e proteção, mas não estão a sofrer de solidão, pois Isolamento não é sinónimo de solidão. O isolamento refere-se a ter poucos contactos com a família e amigos. Sofrer de solidão é ter um sentimento, não desejado, de perda de companhia. Este isolamento foi uma imposição que pode levar à solidão, mas o que verificamos na Fundação-Lar é que os residentes se sentem protegidos e não solitários.

Neste contexto, sugere-se um conjunto de recomendações para a intervenção junto dos cidadãos seniores, das suas famílias, dos restantes profissionais das ERPI e da própria instituição: Explicar a pandemia e a situação de isolamento, estar disponível para esclarecer dúvidas e informar para que servem o isolamento físico e o custo afetivo que ele representa para benefício do próprio e da comunidade. Explicar a necessidade de interromper contactos presenciais com a família e amigos, para proteção do próprio, da sua família, amigos e de todos os cidadãos. Promover a capacidade de autorregulação emocional e explicar a importância dos comportamentos de higiene, etiqueta respiratória e distanciamento social

mesmo no interior da instituição. Facilitar o contacto com familiares e amigos à distância (através do telefone e videochamada) e desenvolver atividades como o exercício físico (exemplos na foto), exercícios de relaxação e de respiração e estimulação cognitiva simples (puzzles, desenhos, provérbios, jogos de palavras etc;).



Em relação aos trabalhadores, é muito importante promover uma postura positiva e otimista, pois são eles que estão na linha da frente com os idosos e os seus sentimentos vão ser projetados nos mesmos. É muito importante valorizar e

reforçar o significado do seu papel no apoio aos cidadãos seniores e às suas famílias.

Assim a instituição deve promover o acesso à informação através de canais de comunicação abertos e “espírito de equipa”, reforçar a necessidade de autocuidado, incentivar a realização de atividades de bem-estar e implementar medidas de proteção de toda a equipa contra o stress e os problemas de saúde psicológica que a situação pode provocar. O plano de contingência estabelecido na Instituição deve ser respeitado e os trabalhadores, residentes, familiares e amigos devem compreender a importância do seu cumprimento, adaptando horários e turnos de trabalho ajustados às orientações do Instituto da Segurança Social (ISS) e da Direção Geral de Saúde (DGS).

Todas as medidas adotadas pela Fundação Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde, tiveram e têm o objetivo de proteger os nossos utentes, trabalhadores e familiares. Exigiu sacrifício e rigor e felizmente, deu frutos positivos. A segurança e bem-estar dos nossos utentes é o mais importante, e todas as mudanças realizadas na organização da Fundação foram realizadas com esse fim. Devemos manifestar a nossa gratidão a todos os familiares e funcionários por todo o trabalho realizado em prol da segurança nesta época difícil. O trabalho ainda não terminou, e continuaremos com todos os esforços para que tudo prossiga a bem da nossa casa. Mas sabemos que no fim, iremos ficar todos bem. Um bem hajam.

Joana Coimbra
Sofia Borges
Fundação Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde

REABERTURA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

No passado dia 30 de maio foram retomadas as celebrações litúrgicas na Igreja de Nossa Senhora da Saúde.

Aconselhamos todos os irmãos e fiéis, que participem no culto, a procedem de acordo as normas de prevenção e proteção, difundidas pela Direção Geral de Saúde (DGS) e pela Conferência Episcopal Portuguesa. Indicamos seguidamente, algumas das orientações mais relevantes a observar antes e durante o as missas:

- Pede-se aos fiéis que estão ou se sentem doentes que não vão à Missa;
- Convidam-se fiéis pertencentes a grupos de risco a não frequentar a Missa dominical; por razões imperiosas, poderão ir à Missa durante a semana, em que há menos fiéis;
- Os fiéis devem higienizar as mãos à entrada da igreja com um produto desinfetante;

- É obrigatório o uso de máscara, a qual só deverá ser retirada no momento da receção da Comunhão eucarística;
- Deve respeitar-se a distância mínima de segurança entre participantes. A regra do distanciamento não se aplica a pessoas da mesma família ou que vivam na mesma casa;
- Os leitores e cantores desinfetarão as mãos antes e depois de tocarem no ambão ou nos livros;
- Os recipientes para recolher a coleta não se passarão no momento do ofertório, mas serão apresentados à saída da igreja;
- O gesto de paz, que é facultativo, continua suspenso;
- Na procissão para a Comunhão, os fiéis devem respeitar o distanciamento aconselhado;
- O diálogo individual da Comunhão («Corpo de Cristo». – «Amen.») pronunciar-se-á de forma coletiva

depois da resposta «Senhor, eu não sou digno...», distribuindo-se a Eucaristia em silêncio;

- Na receção da Comunhão, observem-se as normas de segurança e de saúde, nomeadamente em relação ao distanciamento físico entre os comungantes e à higienização das mãos.

Para esclarecimentos adicionais os documentos supramencionados poderão ser consultados no site da Fundação Lar de Cegos de Nossa Senhora da Saúde www.flcegos.pt.



Ficha Técnica:

Diretor: Provedor da Irmandade,
Tenente-General Formeiro Monteiro

Propriedade : Irmandade de Nossa
Senhora da Saúde
e de São Sebastião

Morada:
Rua da Mouraria nº 1 1100-Lisboa
Email: irmandade.ns.saude@sapo.pt

Aumento de quotas

Tendo em vista a necessidade de fazer face às despesas inerentes ao funcionamento da Capela, que têm sofrido um substancial agravamento e, bem assim, à necessidade de garantir a manutenção do apoio aos fiéis, considerando que o valor mínimo da quota dos Irmãos permanece inalterado há mais de 15 anos, a Mesa Administrativa da Real Irmandade, deliberou, na sua reunião ordinária 22 de Junho de 2018, que o valor mínimo da quota fosse aumentado para 10€, a partir de 1 de Janeiro de 2019.

Relembra-se que as quotizações podem ser liquidadas por transferência bancária para o **IBAN PT50 0036 0000 99102692803 71** (Montepio Geral). No sentido de permitir a identificação de quem faz a transferência **é indispensável a indicação do nome ou número de irmão.**

APELO AOS IRMÃOS

Em face da difícil situação económica com implicações também na nossa Capela, pedimos aos Irmãos que contribuam para ajudar a Irmandade através do pagamento das quotas.

Solicitamos ainda aqueles que podem receber o Boletim através de email, que nos indiquem para o nosso email (irmandade.ns.saude@sapo.pt) o endereço de email pessoal para esse fim, evitando despesas de envio.